

Telefones celulares

Há uma historinha, que normalmente conto aos meus alunos, sobre uma pesquisa conduzida por uma psicóloga inglesa junto a uma série de indivíduos britânicos, desde os primeiros bancos escolares, jardins de infância, até um determinado momento de suas carreiras profissionais (portanto, levou um bom tempo!), com o intuito de verificar os principais atributos presentes naqueles bem-sucedidos profissionalmente. Entendia-se como sucesso profissional a satisfação com aquilo que vinha sendo desenvolvido assim como o bom nível salarial correspondente. Destaque para a seguinte característica entre os profissionais bem sucedidos: boa capacidade de comunicação e expressão.

Pois então, tempos atuais e futuros dizem respeito a uma inequívoca revolução tecnológica, com certeza não silenciosa, na área das telecomunicações e, particularmente, na telefonia, que pode contribuir para esse diferencial na arte da comunicação.

Lembro-me, parece que não faz tanto tempo, que os números de telefone de Piracicaba tinham apenas quatro algarismos. Recordo-me também da dificul-

dade que era se fazer uma ligação interurbana: ligava-se para alguma telefonista (poderosa), que anotava o número, para depois de um certo tempo (bastante?) ligar de volta para completar a ligação interurbana.

Hoje, a tal da telefonia fixa praticamente está padronizada na maior parte dos municípios brasileiros com números de oito dígitos. Nossos celulares vieram com tudo, chegando inclusive a ultrapassar, em números absolutos, a população total do Brasil. Ou seja, já temos mais que um celular por cabeça em nosso país, mesmo com todas as ressalvas que se possam fazer à métrica da média. Detalhe: a maior parte dos usuários se utiliza da opção pré-pago, ou seja, pagamento antecipado, à vista e em cash, pelo serviço móvel de telefonia.

Notícia da Folha desta semana vai mais além, informando o detalhe da lei que acaba com a distinção entre trabalho dentro da empresa e à distância, salientando que o uso de celular entre empresas e funcionários, mesmo após o expediente, equivale, para fins jurídicos, às ordens dadas diretamente aos empregados. Sendo assim, quanta hora extra!

De fato, 'todo o mundo' tem um ce-



lular, literalmente. Tenho realizado algumas/muitas viagens internacionais e observado com clareza como aquele aparelho cada vez menor e cada vez mais sofisticado faz parte do dia a dia

das pessoas. Conversas longas nas ruas, no transporte coletivo, em áreas públicas ou privadas, sem muita cerimônia. Talvez haja uma grande diferença de nossa situação nacional quan-

JOSÉ VICENTE CAIXETA FILHO



to às tarifas, muito baratas lá fora. Sim, a tarifação de telefonia celular no Brasil, mesmo a despeito do número crescente de pacotes, às vezes ainda muito complicados de serem entendidos, ainda é muito cara.

A novidade nacional que tem se popularizado cada vez mais: o tal do torpedão, SMS, teclar-se um texto etc. Se precisa de imagem há o Skype e afins. Percebe-se claramente a agilidade dos dedinhos das novas gerações quando se manuseia um teclado de um smartphone. Essa, sim, parece já ser uma alternativa tupiniquim relativamente barata, às vezes até de graça.

E os meus alunos, que sabem que não gosto de conversas paralelas em sala de aula, preocupados com o incremento de sua capacidade de comunicação e expressão, chegam à sala de aula com seus celulares supostamente desligados. Alguns, após se sentarem, começam a sorrir, ou mesmo rir, sem motivos aparentes (professor detesta isso). Certamente, estão teclando!

JOSÉ VICENTE CAIXETA FILHO é piracicabano
josecaixeta@terra.com.br